

Uma Rua de Cada Vez – peça mostra as contradições da crise da habitação

written by António Ferro | 5 de Julho, 2025



Direitos Reservados

Inspirado numa história real sobre a crise da habitação em Portugal, oferece uma visão aprofundada dos bastidores, com

entrevistas e imagens inéditas, revelando o trabalho que culminou nesta peça.

É uma peça de teatro, escrita por Mariana Correia Pinto e encenada por António Durães e Luísa Pinto e é uma coprodução da **Narrativensaio-AC** com a Casa das Artes de Famalicão. Interpretada pelos atores: Luisa Pinto, Gabriela Amaro e Cláudio Henriques, conta com música original que se adapta perfeitamente a este trabalho, de Cristina Bacelar e com sonoplastia de Carlos Azevedo.



Direitos Reservados

Mexe em algumas “feridas” da nossa atual sociedade, como: o direito à habitação, a resistência silenciosa, o envelhecimento e no que se transformaram as atuais cidades contemporâneas. Não deixa de fazer uma referência a Abril, algumas das contradições humanas, assim como a empatia que aí se gerou.

A base ou se quiserem, a inspiração para esta peça, foi a D. Fátima, proprietária de uma ilha (um tipo de habitação operária tradicional do Porto), o que ajudou a tornar este argumento ainda mais original!

Queremos pontuar que a D. Fátima esteve presente e fez algumas humoradas intervenções.

História

A trama apresenta três personagens principais: Amélia (interpretada por Luísa Pinto), Paulo Jorge (interpretado por

Cláudio Henriques) e Vera (interpretada por Gabriela Amaro), que se encontram num conflito sobre a venda ou não de um bairro operário.

A história gira em torno de uma mulher (D. Fátima) que herda do seu pai, uma ilha.

No Porto, uma “ilha” é um tipo de habitação operária muito específico e característico da cidade, que surgiu em grande escala no final do século XIX. São bem diferentes dos pátios de Lisboa.



Direitos Reservados

Foram construídas em quarteirões, nos quintais traseiros das casas burguesas ou pequeno-burguesas que tinham frente para a rua. São geralmente filas de casas pequenas, térreas, com uma única fachada e uma única saída para a rua (um corredor estreito, muitas vezes chamado de “travessa” ou “viela”). Embora as propostas para a venda da “Ilha” a D. Fátima tivessem sido muito tentadoras, quer por parte da autarquia

quer por empresários particulares, D. Fátima sempre se recusou a vendê-la. Preferiu em vez disso, reabilitar o espaço e, assim, garantir uma habitação digna para quem não consiga alugar residência no atual insano mercado imobiliário.

A autora busca criar um debate sem vilões, convidando o público a refletir sobre os dilemas humanos e sociais que a crise da habitação provoca.